

## **REGISTROS DE ACADÊMICOS E ESTAGIÁRIOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA**

**Educação**

**Coordenador da atividade: Ciriane Jane Casagrande da SILVA<sup>1</sup>**

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Autores: Ciriane Jane Casagrande da SILVA<sup>1</sup>;**

**Cássia Cilene de Almeida Chalá MACHADO<sup>2</sup>**

### **Resumo**

O artigo se propõe a tecer algumas reflexões acerca de como a área de educação especial vem sendo pensada/tratada nos cursos de licenciatura das universidades brasileiras, sobretudo ao primar por uma formação acadêmica que abarque os pressupostos essenciais para uma prática pedagógica inclusiva, a qual é alicerçada na indissociabilidade dos três pilares (ensino, pesquisa e extensão) da universidade. As reflexões mencionadas são oriundas do curso de capacitação: Qualificando a prática pedagógica inclusiva ofertada para os acadêmicos e estagiários da UFSC e de outras Instituições de Ensino Superior (IES), na 4ª edição em 2019. O objetivo principal do curso foi contribuir na formação dos participantes com conhecimentos teóricos e práticos da área de educação especial, com vistas à prática pedagógica inclusiva na Educação Básica. A coleta de dados se efetivou por meio de questionário online e na análise constataram-se duas categorias: as lacunas de conhecimentos sobre a área de educação especial e os medos/anseios dos acadêmicos e estagiários perante a experiência prática com estudantes público alvo da educação especial. Por fim, concluem-se alguns aspectos: a intensificação da área de educação especial em cursos de licenciatura nas universidades; maior interlocução entre as áreas do conhecimento da educação em prol da educação inclusiva; ampliação de investimentos em atividades de ensino, pesquisa e extensão; oportunizar aos acadêmicos dos cursos de licenciatura maior inserção em práticas pedagógicas na Educação Básica e no Ensino Superior com os estudantes público alvo da educação especial.

**Palavra-chave:** curso; educação especial; prática pedagógica inclusiva.

### **Introdução**

Diante da conjuntura nacional de nosso país, em que cada vez mais os investidores (externos e internos) vislumbram bons negócios/investimentos em serviços

---

<sup>1</sup>Ciriane Jane Casagrande da Silva, docente de educação especial, Colégio de Aplicação.

<sup>2</sup>Cássia Cilene de Almeida de Chalá Machado, docente de educação especial, Colégio de Aplicação.

que ainda são considerados públicos<sup>3</sup> e, da triste notícia, de extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC) e de conselhos sociais criados antes de 2014, dentre eles: o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CONADE) torna-se urgente e necessário reafirmar o compromisso da Universidade Federal de Santa Catarina, no que se refere à gestão do conhecimento no contexto da indissociabilidade do tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Também, ao evidenciar a redução no investimento em educação, conforme a Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2019 – aprovada pelo Congresso Nacional – a situação se agrava e provoca muitas incertezas, sobretudo quanto à garantia de todos/as (sem restrições) ao acesso e a permanência na educação pública e, que dirá, na perspectiva inclusiva.

Desse modo, se faz imprescindível buscar alternativas que viabilizem a formação dos universitários pautada em políticas públicas inclusivas, cuja formação contemple uma educação para todos, sem exceções. Surge nesse contexto, o curso de capacitação: *Qualificando a prática pedagógica inclusiva*<sup>4</sup> ofertado para os acadêmicos e estagiários da UFSC e de outras IES no ano de 2019, no Colégio de Aplicação/UFSC. Nessa 4ª edição<sup>5</sup>, toda a comunidade acadêmica da UFSC e de outras IES da grande Florianópolis, em que ampla divulgação oportunizou a participação inclusive dos cursos *stricto sensu* e *lato sensu*.

Para esse propósito, o artigo tecerá algumas reflexões acerca de como a área de educação especial vem sendo pensada/tratada nos cursos de licenciatura das universidades brasileiras, a partir dos registros de acadêmicos e estagiários .

Salienta-se que pesquisadores do movimento de inclusão educacional são convictos ao afirmar a importância do preparo do professor para o êxito da proposta de inclusão escolar (GARCIA, 2004, DORZIAT, 2011, entre outros). Também, estudos<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup>Segundo Chauí (2001, p.15) destac que do “[...] ponto de vista dos direitos sociais, há um encolhimento do espaço público; do ponto de vista dos interesses econômicos, um alargamento do privado”.

<sup>4</sup> O curso foi organizado por docentes de educação especial do CAUFSC, a partir da identificação que estagiários (dos cursos de licenciatura) e bolsistas (estágio não-obrigatório/acessibilidade e PIBID) do CA/UFSC apresentavam certa dificuldade/insegurança na atuação/mediação direta com estudantes público alvo da educação especial.

<sup>5</sup> Nessa edição o curso recebeu maior divulgação por meio de e-mails (para coordenações dos cursos de licenciatura), e cartazes, redes sociais e mídia – NSC Jornal Televisão, G1 , entre outros. A oferta foi de sessenta (60) vagas, distribuídas em dois turnos (matutino e noturno), dando prioridade aos acadêmicos e estagiários do CA/UFSC e obedecendo o critério de ordem de inscrição

<sup>6</sup> Oliveira, Machado e Siqueira (2017) em seus estudos sobre a formação de professores de Ciências/Biologia para a educação inclusiva, evidenciam a baixa produção científica no período de 1996 a 2014 (banco de dados da CAPES/MEC). Oliveira e Araújo (2012) apontam que a falta de formação do professor para trabalhar com estudante com deficiência é ocasionada pela existência de uma falha na formação inicial. Assim, destacam que relevância desse assunto na matriz curricular dos cursos de Formação Inicial, pois se os acadêmicos tivessem conteúdos considerados inclusivos nas disciplinas, saíam com seus pensamentos modificados, inclusive o modo de agir.

revelam a baixa produção sobre a formação de professores de diferentes áreas para a educação inclusiva, assim como destacam a necessidade de alterar a matriz curricular dos cursos de Formação Inicial a fim de incorporar os conteúdos considerados inclusivos.

A partir desse viés, o curso de extensão em questão teve como objetivo principal propiciar a atualização dos acadêmicos e estagiários dos cursos de Licenciatura da UFSC e de outras IES para atuar dentro de uma prática pedagógica inclusiva na Educação Básica, com noções básicas sobre algumas questões conceituais/atitudinais de estudantes público alvo da educação especial, além de promover um espaço de diálogo sobre as diferentes experiências dos acadêmicos e qualificá-los frente aos desafios da inclusão e seus desdobramentos na Educação Básica.

Por compreender que as atividades de Extensão são indissociáveis das do Ensino e da Pesquisa e, cujo caminhar para o conhecimento se dá na pluralidade do coletivo<sup>7</sup>, as ações extensionistas são fundamentais para um repensar sobre o que se busca, enquanto ação transformadora numa sociedade marcada pela desigualdade social.

### **Metodologia**

Para contemplar os objetivos do curso, definiu-se que a coleta de dados se efetivaria por meio do questionário online, disponibilizado na página do LIFE<sup>8</sup>. O questionário atingiu cento e vinte e dois (122) participantes, cujo percentual foi de cinquenta (57%) de acadêmicos estagiários de dezoito (18) cursos de licenciatura da UFSC e quarenta (43%) de acadêmicos e estagiários de outras IES, como: Uniasselvi, UNISUL, UDESC (CEFID/FAED); IFSC e Anhanguera. Fato que confirma a relevância do curso de extensão no que tange as múltiplas possibilidades de articulação entre as Universidades e a sociedade em prol da produção do conhecimento e da ação transformadora.

O formulário foi organizado buscando dados de identificação, informações pertinentes a questão operacional do curso, acessibilidade e entre as várias questões, elege-se a seguinte pergunta geradora: “*O que o motivou a fazer a inscrição neste curso?*”.

Para a análise dos dados, todas as respostas foram lidas e agrupadas nas categorias a partir das justificativas apontadas nos registros, ou seja, distribuídas em duas categorias: 1- as lacunas de conhecimento(s) da área de educação especial e 2 – os medos/anseios dos

---

<sup>7</sup> Refere-se a estudantes/acadêmicos, docentes, técnico-administrativos, pessoas das comunidades, acadêmicos de outras Universidades e do ensino básico, entre outros.

<sup>8</sup> LIFE – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores que está alocado fisicamente no Colégio de Aplicação/UFSC, tonando-se apoiador e parceiro deste curso de Capacitação.

acadêmicos perante a experiência prática com estudantes público alvo da educação especial.

### **Desenvolvimento e processos avaliativos**

Na Categoria 1- as lacunas de conhecimento(s) da área de educação especial (ocasionados pelos cursos de licenciatura): grande parte dos participantes apontou a urgência de conhecimentos na área de educação especial, pois consideram fundamentais para sua formação e para atuação nas escolas inclusivas. Essa situação se materializa no registro: *“Me ajudará muito em um estágio que estou fazendo”* (Acadêmico de Pedagogia/ Uniasselvi). Poucos acadêmicos e estagiários relataram possuir o mínimo conhecimento sobre as questões referentes à Educação especial. Fato evidenciado no seguinte registro: *“[...] quero buscar saber um pouco mais sobre a educação especial no curso”* (Acadêmico de Ciências Biológicas/ UFSC).

Na categoria 2 – os medos/anseios dos acadêmicos perante a experiência prática com estudantes público alvo da educação especial: a maioria dos participantes manifesta certo receio em atuar com esse público ao pensar em conduzir o processo de ensino e aprendizagem, pois consideram que o conhecimento adquirido não é suficiente para dar conta das necessidades/especificidades desse público, assim, acabam se intitulado como inseguros e despreparados/impotentes para tal situação. Esse fato se evidencia no registro: *“[...] busco focar no potencial/competências dos alunos, e não em suas limitações. [...] ainda me sinto muito insegura e admito a necessidade de adquirir mais conhecimento, confiança e habilidade com o tema”* (Acadêmica de Pedagogia/ UFSC). Pouquíssimos participantes se perceberam em condições de atuar frente aos estudantes público alvo da educação especial, entretanto, aqueles que se julgam capazes, em sua maioria destacaram situações de exclusão/discriminação social. Essa constatação se faz presente no registro: *“[...] como sou uma pessoa com deficiência vinculada à área da educação, considero essencial para a minha atuação profissional, [...] participação social e política, [...] sou um sujeito que experienciou a infeliz falta de despreparo das instituições para inclusão das deficiências como preceito fundamental do processo de ensino e aprendizagem em todos os níveis de educação que tive acesso”* (Acadêmico de História/ UFSC).

Por meios das categorias aponta-se alguns aspectos para educação inclusiva: a) intensificar a área de educação especial em cursos de licenciatura nas universidades; b) maior interlocução entre as áreas do conhecimento da educação em prol da educação

inclusiva; c) ampliar os investimentos em atividades de ensino, pesquisa e extensão; d) oportunizar aos acadêmicos dos cursos de licenciatura maior conhecimentos teóricos e práticos, para a atuação na Educação Básica e no Ensino Superior com estudantes público alvo da educação especial.

### **Considerações Finais**

Por fim cabe ressaltar que a Universidade pública por ser uma “instituição social [...] que realiza e exprime de modo determinado da sociedade que ela faz parte” (CHAUÍ, 2001, p. 35), precisa manter-se firme contra as gigantes adversidades, a fim de que em condições democráticas possa produzir conhecimentos – por meio do tripé: ensino, pesquisa e extensão – possa alcançar a todos/as, principalmente as camadas populares/discriminadas de nossa sociedade.

### **Referências**

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DORZIAT, A. **A formação de professores e a Educação Inclusiva: desafios contemporâneos**. In K. R. M. Caiado, Jesus, D. M. de & Baptista, C. R. (2011). *Professores e educação especial: Formação em foco* (pp. 147-159). Porto Alegre: Mediação / CDV /FACITEC, v. 2.

GARCIA, R. M. C. (2004), **Políticas públicas de inclusão: uma análise no campo de educação especial brasileira**. Tese (Doutorado em Educação), UFSC, Florianópolis.

OLIVEIRA, R. R.; MACHADO, M. S.; SIQUEIRA, M. **Formamos professores para a educação inclusiva? Análise de publicações sobre formação de professores de Ciências/Biologia**. Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Tecnologia, Ponta Grossa, v. 10, n.2, mai./ago. 2017.

OLIVEIRA, A. F. T. de M.; ARAÚJO, C. M. de. **A formação de professores para a educação inclusiva: um olhar sobre os saberes docentes do professor-formador**. In: 35a Reunião Anual da ANPED, 2012, Porto de Galinhas.